

**Curso de Graduação
em Pedagogia**



**Graduação
Módulo 2**

Prof^a Cleide Vitor Mussini Batista
Comunicação e
Interações Humanas

A comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social.

Bordenave

COMUNICAÇÃO

Vamos pensar?

Pense, então, em sua casa, seu bairro, sua escola, sua “turma” ou patota se preferir.

A comunicação foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-lhe transmitidos, pelo qual, você, aprendeu a ser “membro” de sua sociedade, de sua família, de seu grupo de amigos, de sua vizinhança, enfim de sua nação. Foi assim que adotou a sua “cultura”, isto é, os modos de pensamento e ação, suas crenças e valores, hábitos e tabus. Isto não ocorreu por “instrução”, pelo menos antes de ir para escola: ninguém lhe ensinou propositadamente como está organizada a sociedade e o que pensa e sente a sua cultura. Na verdade, isto aconteceu indiretamente, pela experiência acumulada de numerosos eventos, através dos quais você ao se relacionar com outras pessoas aprendeu naturalmente. Tudo isso foi possível graças à comunicação. Não foram seus professores na escola que lhe ensinaram sua cultura, e sim, foi a comunicação diária com pais, irmãos, parentes, amigos, na casa, na rua, nas lojas, no ônibus, no jogo, no bar, na igreja, que lhe transmitiu as qualidades essenciais da sociedade e a natureza do ser social.

Comunicação é muito mais que os meios de comunicação social. Estes meios são importantes, mas não devemos esquecer que estes representam apenas uma mínima parte de nossa comunicação total.

Pare! Pense no seu dia-a-dia. Faça uma lista dos atos de comunicação que você realiza desde que se levanta pela manhã até a hora de deitar-se, no fim do dia.

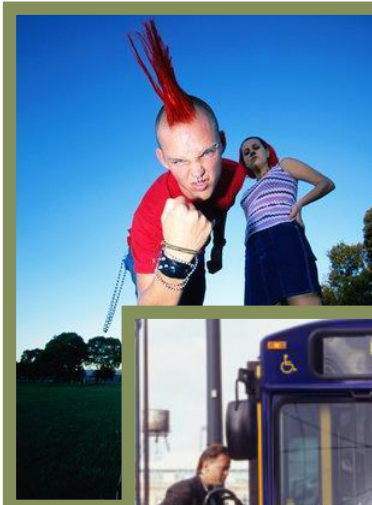
É inacreditável, não é?

A quantidade de atos de comunicação que realizamos durante um dia é surpreendente. Vai desde o “bom dia” a alguém que convive com você em sua casa, por exemplo, seu esposo ou esposa, acompanhado ou não de um beijo, passando pela leitura de um jornal ou revista, a decodificação de um número ou cor do ônibus que a leva ou o leva ao trabalho, o pagamento ao cobrador, a conversa com o companheiro de banco, os cumprimentos aos colegas de trabalho, o trabalho com relatórios, reuniões, a visita ao banco, a conversa com seu chefe, os inúmeros telefonemas, o papo durante o almoço, a escolha do prato no menu, a conversa com os filhos no jantar, o programinha de televisão, o diálogo amoroso com sua esposa ou seu esposo antes de dormir, e o ato final de comunicação: “boa noite”.

A comunicação confunde-se com a própria vida. Podemos dizer que nos comunicamos, assim como, respiramos, andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por um acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar. Pessoas que foram impedidas de se comunicar durante longos períodos de tempo enlouqueceram ou ficaram perto da loucura.

Bordenave (1984) ressalta que os meios de comunicação social representam apenas uma fração de nossos atos comunicativos totais.

Veja nas fotos que no dia-a-dia tudo é comunicação: o corte de cabelo de um rapaz punk, as roupas de patricinha (que informam sua adesão a um grupo urbano e uma filosofia de vida); o carinho entre os namorados; as cores, o número de uma linha de ônibus, o braço estendido do passageiro, prontamente decodificado pelo motorista como sinal de que deve parar naquele ponto; alguém pedindo por silêncio etc.



A propósito do texto

Em dupla comentem:

1. Alguns atos de comunicação que realizaram hoje.
2. Um beijo é um ato de comunicação? Justifique.
3. Discutam: o “homem social”.
4. Qual a importância da comunicação para a vida em sociedade?

OS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

Toda comunicação tem por objetivo a transmissão de uma mensagem.

Vanoye

Como já vimos anteriormente, o homem é um ser social, daí sua necessidade de comunicação, como **emissor** ou como **receptor de mensagens**. Para tanto, é necessário que o homem faça uso de um sistema qualquer de sinais devidamente organizado. No dia-a-dia, nós emitimos uma série de mensagens e as recebemos, ora por meio de gestos, ora por meio de um som ou de uma escrita, ou mesmo de uma combinação de cores, isto acontece porque utilizamos de vários **códigos** de comunicação, sendo a língua o mais importante deles.



A comunicação vive de diversas fontes. Na tela de Degas, por exemplo, temos uma comunicação gestual. A bailarina, com seus movimentos delicados, na ponta dos pés, fala com o seu corpo e a sua movimentação no palco.

Diferentes mensagens veiculam as mais diversificadas significações, mostrando na sua marca e traço, no seu efeito, o seu modo de funcionar.

O funcionamento da mensagem ocorre tendo em vista a finalidade de transmitir uma vez que participam do processo comunicacional: um **emissor** que envia a mensagem a um **receptor**, usando um **código** para efetuar-la, esta, por sua vez, refere-se a um **contexto**, a uma situação. A passagem da emissão para a recepção faz-se através de um suporte físico que é o **canal**.

Todo ato de comunicação envolve seis componentes essenciais. Aí estão, portanto, os fatores que sustentam o modelo de comunicação: **emissor, receptor, canal, código, referente, mensagem**.

Fonte: www.artehermes.com/albums/RW-sj-WEB/11757.JPG

Figura 1 – Bailarinas em cena - Edgar Dega

Esquema da comunicação

Observe no quadro os fatores que entram em jogo quando se estabelece uma comunicação:

Emissor (ou locutor)	Quem emite a mensagem
Receptor (ou interlocutor)	Quem recebe a mensagem
Mensagem (texto)	A informação transmitida
Canal de comunicação (contato)	O meio empregado para o envio da mensagem
Referente (ou contexto)	A situação com que se relaciona a mensagem
Código (língua portuguesa)	O sistema de sinais empregados no envio da mensagem

Quadro 1 – Componentes da comunicação

No entanto, nem só de mensagens verbais vive o ser humano.

A linguagem participa de aspectos mais amplos que apenas o verbo.

Para Chalhub (1987) o corpo fala, a fotografia flagra, a arquitetura recorta espaços, a pintura imprime, o teatro encena o verbal, o visual, o sonoro, a poesia surpreende, a música irradia sons, a escultura tateia, o cinema movimenta etc.

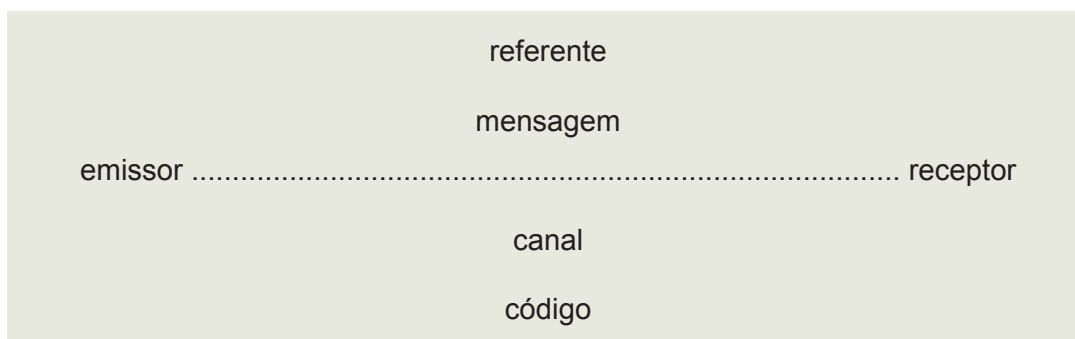
A propósito do texto

A mensagem abaixo é um anúncio publicado em uma revista. Retire alguns elementos da comunicação:

- A mensagem é um anúncio publicitário, é a informação transmitida;
- O emissor ou remetente:
- O receptor:
- O canal:
- O código:



Todos esses elementos indispensáveis à comunicação podem ser assim esquematizados:



Para a maior parte dos falantes, o uso da linguagem se dá de modo automático. Por isso, raramente percebemos que o modo como se organiza a linguagem está diretamente ligado à função que desejamos dar a ela, isto é, à **intenção** do emissor.

A linguagem determinada *função*, de acordo com a ênfase que se queira dar a cada um dos fatores do processo de comunicação. Deste modo, assim como são seis os componentes do ato da fala, seis são as funções que a linguagem pode assumir: *emotiva, conativa, referencial, metalingüística, fática e poética*.

As funções da linguagem

A **língua** pode ser comparada a um “dicionário”, cujos exemplares, idênticos, são distribuídos entre os indivíduos e a **fala** seria o uso que cada indivíduo faz da língua. Assim, ao realizar um ato de comunicação verbal, o indivíduo escolhe, seleciona as palavras, para depois organiza-las, combina-las, conforme a sua vontade. E todo esse trabalho de seleção e combinação não é aleatório, não é realizado por acaso, mas está intimamente ligado à intenção de emissor.

Podemos dizer, então, que a linguagem passa a ter **funções**.

Quando se estabelece uma comunicação, as pessoas selecionam as palavras que vão constituir a mensagem, escolhem também qual vai ser a estrutura da mensagem. Desta forma, quando se estabelece uma comunicação, todos os fatores entram em jogo. Ocorre a **predominância** de um deles, conforme o tipo de mensagem, prevalecendo uma determinada função da linguagem.

A ÊNFASE NO FATOR	DETERMINA	A FUNÇÃO
Referente	→	Referencial
Emissor	→	Emotiva (ou Expressiva)
Receptor	→	Apelativa (ou Conativa)
Mensagem	→	Poética
Canal	→	Fática
Código	→	Metalingüística

Quadro 2 – Componentes da comunicação e as funções da linguagem

A maior ou menor relevância de um desses elementos (locutor, interlocutor, mensagem, referente, código, canal) durante o ato de comunicação possibilita-nos colocar em evidência **seis funções** essenciais da linguagem. Então, dependendo do objetivo que o locutor (emissor, produtor) desejar atingir com sua mensagem, nela vai predominar uma determinada função.

Função Referencial ou denotativa: predomínio da informação

Leia:

TAM desembarca na cidade-luz

Você já deve ter ouvido dizer que Paris foi a “capital do século XIX”. A definição é de um pensador alemão, Walter Benjamin, que encontrou na cidade-luz a síntese daquele século, com a formação de classes urbanas e com novas percepções do conhecimento e das artes.

Paris é marcada por espaços públicos, por parques, praças, carrefours, monumentos, suntuosos prédios oficiais, museus, palácios, largas avenidas e povoados restaurantes.

Não há no século XX cidade como Paris, tão bela em sua arquitetura, tão aberta em sua convivibilidade, para além das cronologias históricas. Nem haverá no século XXI.

É uma cidade viva, pulsante, essencial não apenas como Meca do turismo mundial.

Afinal, foi capital cultural do Ocidente, ou uma de suas principais capitais culturais, em diversas ocasiões: a última delas foi nos anos 1960, quando a Nouvelle Vague, o movimento estudantil e a filosofia engajada de Sartre e Camus ditavam moda até mesmo para Nova York, já então - como não? - a capital do século XX. Isso porque, em suma, o espírito público que flui do rio Sena não morre: sua afirmação foi tão consistente e flexível que não pode acabar ao simples trocar do calendário. Paris não é um ideal, é uma idéia. (...)

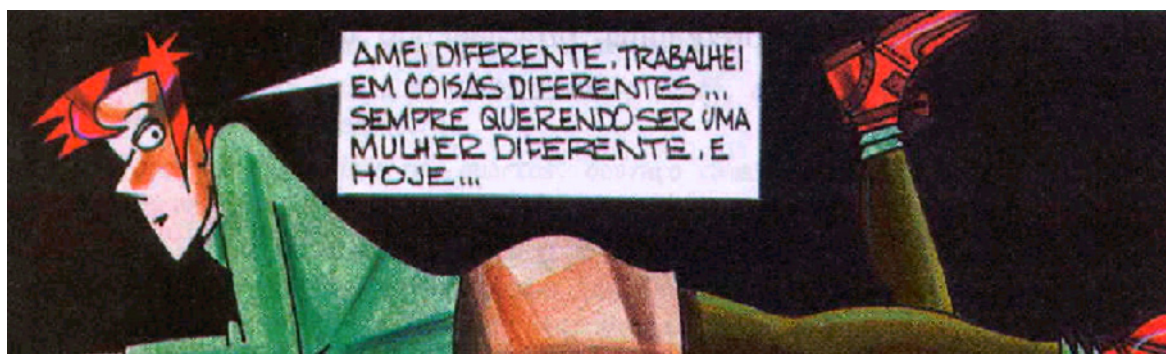
Fonte: PIZA, 1999, p.53

O elemento mais importante deste texto é a **informação**, também chamada **referente** ou **contexto**. Pro isso, a função da linguagem, nesse texto, é **referencial**. Refere-se ao conteúdo da mensagem, ao que é dito. É a linguagem do objeto, da terceira pessoa. Predomina nas matérias jornalísticas em geral (como a do texto), nos avisos, nos filmes documentários, nas mensagens objetivas, nos textos científicos.

Função Emotiva ou expressiva: o fator importante é o “eu”

Ela ocorre quando o fator mais importante é o próprio eu, o remetente da mensagem. O assunto refere-se a quem fala (ou escreve).

Acompanhe os quadrinhos da Radical Chic, de Miguel Paiva:



Fonte: Radical Chic - Paiva

O depoimento da Radical deixa bem claro que a informação se refere ao próprio remetente a mensagem. Desabaços, diários pessoais, entrevistas, confidências, declarações de amor, textos em primeira pessoa costumam ter como função principal a **emotiva** ou **expressiva**.

Função Apelativa ou conotativa: tudo se concentra no destinatário

Quando a intenção do emissor é influenciar o destinatário, quando a mensagem está centrada no destinatário em forma de ordem, apelo ou súplica, temos a **função apelativa** ou **conotativa** da linguagem. Os verbos no imperativo, o uso de vocativos e a segunda e terceira pessoas (tu/vós, você, vocês) são marcas gramaticais da função conotativa.

Os anúncios de publicidade e os comícios políticos às vésperas de eleição empregam uma linguagem em que predomina a função apelativa ou conotativa.

Função Fática: estabelecimento do contato

Leia:

- *Olá, tudo bem?*
- *Tudo bem. E você?*
- *Tudo bem... levando... levando...*
- *É... levando...*
- *Falou...*
- *É isso aí...*

Palavras e expressões automáticas de linguagem como “alô”, “muito prazer”, “olá, tudo bem?”, “até logo”, as conversas de elevador, na sala de espera de um consultório, na rua, quando estamos de passagem, são exemplos da função **fática**, aquela predominante quando se inicia um contato; às vezes o prolonga e ainda quando deve acabar.

Função Poética: valorização da mensagem em si mesma, elaboração, recursos de estilo

Leia:

Poeminha do contra

Todos esses que aí estão
Atravessando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

Fonte: QINTANA (2006)

Uma mensagem é constituída de forma e conteúdo: **como** se diz e **o que** se diz.

Além de comunicar algo, ela própria é enfatizada, elaborada por meio de trocadilhos, figuras de estilo, aliterações, repetições, jogos de sons, disposição de palavras no papel ou mesmo pelo uso de um texto esteticamente bonito: a mensagem está centrada na própria mensagem. Tem-se, então, a função **poética**.

Função Metalingüística ou metalinguagem: o código em questão

A última das seis funções da linguagem é a função metalingüística. Na função **metalingüística**, a ênfase está no código, ou seja, no conjunto de sinais utilizados para que a mensagem seja transmitida. Dizemos que a função que predomina em um texto é a metalingüística quando o código for utilizado como assunto ou explicação do próprio código.

Observe o texto abaixo:



Fonte: Hagar - Dik Browne

O uso de explicações para informar o significado de palavras e expressões como “amor”, no texto, constitui um texto predominantemente **metalingüístico**. O dicionário é um bom exemplo de emprego de metalinguagem.

Dadas as seis funções essenciais da linguagem, faz-se ainda importante atentar para o fato de que, em todos os textos, vai sempre existir uma função predominante, o que significa dizer que o fato de uma função estar presente num texto não exclui a possibilidade de haver outras funções também presentes no mesmo texto.

Nem só de palavra depende a comunicação

Quando o assunto é formas de comunicação, a primeira coisa que nos vem à cabeça é a *palavra*, seja escrita, seja falada. Mas, vimos anteriormente sobre uma comunicação gestual onde a bailarina, com seus movimentos delicados, na ponta dos pés, fala com o seu corpo e a sua movimentação no palco.

Podemos dizer, então, que nem sempre precisamos da palavra para nos comunicar: o riso, o choro, os gestos, a música, a pintura, também são formas que podemos utilizar para mostrarmos o que sentimos, o que queremos, pensamos.

Cada povo, cada grupo humano tem formas de se expressar. Elas são entendidas pelos elementos que fazem parte desse grupo e constituem a sua linguagem. Assim, quando falamos em linguagem, estamos nos referindo não somente à palavra escrita ou falada, mas também a todas as outras formas de expressão.

Algumas linguagens são usadas por vários povos. É o caso, por exemplo, das cores do semáforo, dos sinais de trânsito e de outros símbolos, como o sinal de uma caveira como sinal de perigo.

Certas formas de expressão dependem da presença das pessoas que estão se comunicando e precisam ser repetidas cada vez que se deseja se comunicar a mesma coisa. É o caso, por exemplo, de um aceno de mão como forma de cumprimento, ou de um polegar levantando para indicar que algo de bom aconteceu ou deu certo.

Palavras que ficam fora de moda e que têm endereço

Existem certas expressões que são passageiras, isto é, são usadas durante um certo tempo e depois se perdem. O caso mais típico é o das gírias, que dificilmente passam de uma geração para outra. Num curto espaço de tempo, elas são substituídas, como por exemplo, o *broto* de quarenta anos atrás é a *gatinha* de nossos dias.

O *bacana* de ontem é o *massa* de hoje. O que era *cafona* há algum tempo agora é chamado de *brega*.

Há também expressões que são muito usadas numa determinada região, e praticamente desconhecidas em outras. Uma pessoa porreta no Nordeste é legal no Sudeste. A macaxeira do Nordeste é a mandioca de São Paulo. A guria que vive no Sul seria chamada de garota no Rio de Janeiro. O fecho éclair dos cariocas é o mesmo zíper que fecha a roupa dos paulistanos.

A propósito do texto

Muitas vezes não sabemos utilizar bem da comunicação e linguagem para tirar proveito em nossas atividades em sala de aula. Pensem em quantas atividades que podem ser realizadas com as crianças depois do que discutimos sobre as formas de comunicação.

Então vamos lá. Com seu colega recorte uma folha de sulfite e monte um pequeno livro de umas doze páginas. Discuta com seu colega e pesquise expressões de nosso grande Brasil que são muito usadas numa determinada região, e praticamente desconhecida em outras. Exemplo:

Pingado e uma média.

Café com leite e um pão.

Não é legal! Formamos um dicionário de expressões. Seus alunos também vão gostar, além de estarem conhecendo um pouco mais sobre as expressões utilizadas em seu país e que mesmo falando uma mesma língua, as expressões mudam de uma região para outra.

COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

A comunicação é o fundamento que determina, em grande medida, o grau de desenvolvimento de uma comunidade. Isto decorre do fato de que é, pela comunicação, que o homem expressa sentimentos, idéias, conceitos, bem como evolui como ser humano interativo que ensina e aprende em contato com o outro.

Nesse sentido, podemos afirmar que cada palavra, cada imagem, cada gesto que provoque uma ação/reação interativa se configure em uma comunicação. Estamos imersos num processo cotidiano de múltiplas possibilidades comunicativas, sendo impossível qualquer opção em contrário. Somos, portanto, comunicação.

A angústia da sociedade contemporânea no sentido de reverter o caos social vivido, atualmente, nos remete à reflexão de que o homem não se resume a si mesmo, nem aos seus interesses, mas se constrói cotidianamente em interação com o outro. A linguagem que nos permite esta interação é a mesma que pode gerar ruptura. Constantemente, presenciamos situações de conflito geradas pelo uso inadequado da linguagem. É imprescindível, assim, que tenhamos clareza da importância de apropriação das habilidades que nos possibilitam uma comunicação verdadeira com o outro, especialmente, quando se estabelecem as relações entre professor e aluno, as quais podem ser determinantes no processo de aprendizagem.

Não podemos perder de vista, nesse contexto, que, para preparar o homem para viver no terceiro milênio, é fundamental que, desde pequeno, esse indivíduo aprenda a se aceitar e se respeitar para poder aceitar e respeitar o outro, quando em convivência, sendo corrigido e modificado apenas no seu fazer (capacitação) e nunca no seu ser (formação humana). A criança deve ser aceita na sua legitimidade, pois assim adquire confiança de que possui todas as qualidades para se tornar um adulto íntegro, responsável e amoroso.

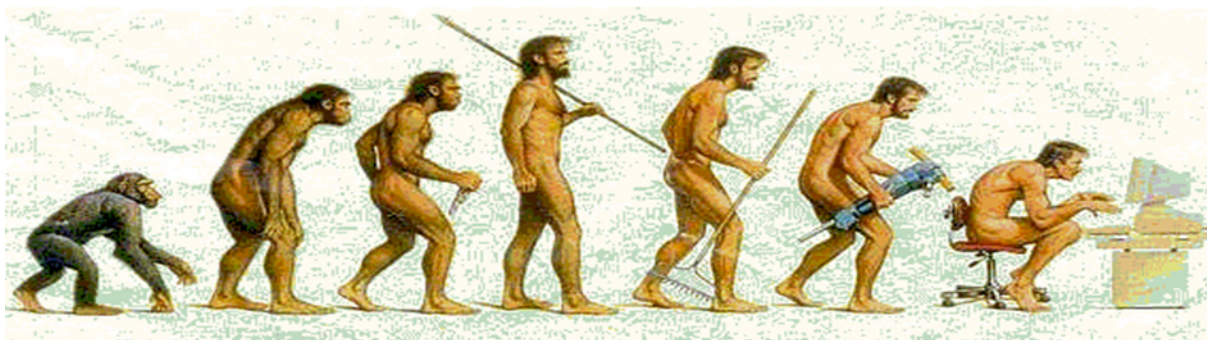
A Linguagem

A linguagem simbólica (articulada) é tanto quanto sabemos um fato inovador na história da evolução da vida na terra. O homem é a única espécie que conseguiu libertar-se dos mecanismos naturais da evolução (continuando, contudo, sujeito às leis biológicas), condicionando a sua própria evolução através da produção de instrumentos e ferramentas materiais e mentais, que lhe permitiram transformar o mundo e transformar-se ao longo desse processo.

Assim, a espécie humana pôde adaptar-se a todos os habitats que existem no planeta Terra, desde as zonas gélidas até ao fundo dos oceanos, conseguindo ainda transportar para o Espaço veículos e estações espaciais que permitem a manutenção da vida.

Tudo isto só foi possível devido à linguagem simbólica, que está na base da emergência do pensamento e dos instrumentos mentais que permitiram unir os esquemas de ação aos esquemas mentais que são, no seu conjunto, a base da inteligência humana.

A linguagem é, assim, a base da cultura, sem a qual o homem moderno não existiria.



Fonte: meninodedeus.blog.ig.com.br/imagens/0032.jpg

Figura 2 – Evolução

O homem tanto ao nível da espécie, como ao nível do indivíduo é um produto da cultura. A evolução da espécie humana foi comandada pela evolução da cultura. Assim o homem, como vive num universo cultural (simbólico), vive num mundo estruturado pela ação e pelo pensamento do próprio homem, que, por sua vez não existiriam sem a função simbólica da linguagem. Em consequência disto, quando nascemos temos que passar por um longo processo de socialização para nos adaptar à cultura da sociedade em que nascemos. Esse processo molda o indivíduo, tornando diferente do que teria sido se tivesse nascido no seio de outra sociedade ou cultura.

O homem quer ao nível da espécie, quer ao nível individual, é o produtor da cultura, resultando daqui que o homem é o único animal que se produz a si próprio. Sendo o homem livre, este não está sujeito ao determinismo natural, isto porque pode, graças aos conceitos (dimensão do significado do signo), representar mentalmente a realidade circundante. Esse poder de representar conceptualmente a realidade, conferiu ao homem possibilidade de planear antecipadamente as suas ações, de se recordar do passado e de antecipar o futuro.

Ao poder transmitir aos outros informações precisas sobre os seus estados mentais, o homem, progressivamente, desenvolveu uma vontade autônoma, libertando-se dos grilhões do instinto, ao mesmo tempo em que a vida social se tornava mais complexa e diversificada.

Com isto nasceu o sentimento e a consciência da nossa individualidade, complementada pelo sentimento de pertença a grupos sociais que dão sentido e amplitude às nossas ações.

A consciência individual vem acompanhada da vontade, do poder de escolher o que queremos e de rejeitar o que não queremos. E aqui surge algo verdadeiramente importante: esse querer, na sua radicalidade, não é comandado nem pelo instinto, nem pela interação com os outros homens, ele nasce do nosso eu e é a sua mais espontânea e genuína expressão.

A linguagem humana e a linguagem animal

Como vimos, a comunicação é um assunto que diz respeito, essencialmente, ao Homem. É uma necessidade inerente ao ser humano e que tem como mais importante sistema a linguagem humana.

A linguagem humana não deve ser equiparada ao sistema de sinais dos animais, pois o Homem não está restrito a chamar sua prole, sugerir acasalamento, gritar quando está em perigo, chorar quando tem fome, enviar e receber mensagens do lugar onde se encontra o alimento, o que se pode observar entre as variadas espécies animais, como por exemplo, a gata, que pode miar e fazer com que seus gatinhos venham correndo para junto dela.

A linguagem humana é muito mais complexa que um sistema de sons emitidos pelos animais, isso porque, primeiramente, a linguagem dos animais não é um produto cultural. Ela é um componente da organização físico-biológica herdada com a programação genética da espécie. Além disso, também é invariável no tempo e no espaço. Em qualquer lugar do planeta, em qualquer época já vivida, a “linguagem” das abelhas, por exemplo, é igual. Uma abelha nos Estados Unidos utiliza-se dos mesmos mecanismos para comunicar alimento às suas companheiras que uma abelha no Japão.

A linguagem dos animais não é (como a nossa linguagem) convencional, isto é, composta por elementos que o próprio Homem, por escolha, designa, classifica e determina. Pensemos no significado da palavra “bola”. Sabemos que bola é um objeto redondo, de plástico ou couro, colorida ou não e que serve para brincar, jogar etc. Perguntamos a você, então, qual o motivo que fez com que a bola (objeto) fosse chamado de “bola”? Por que não chamamos esse objeto de “bicicleta” ou de outra palavra qualquer? Porque se convencionou assim.

Como vemos, apenas a linguagem humana tem essa característica. Saussure (1994) empregou o termo signo para designar uma entidade de duas faces que une de maneira arbitrária um significante e um significado.

Imaginemos alguns sinais, como por exemplo, o relâmpago que anuncia a tempestade; a campainha que anuncia uma visita; o grito que anuncia o perigo. Estes sinais são fatos físicos vinculados a outro fato físico por um nexos natural ou convencional. O animal percebe o sinal e é capaz de lhe reagir adequadamente. Podemos lhes ensinar a identificar sinais variados, quer dizer, a unir duas sensações pela relação do sinal. Os famosos reflexos condicionados de Pavlov mostram-no bem. O homem também, embora animal, reage a um sinal. Porém, utiliza para além disso, o símbolo que é instituído pelo homem. Para se apreender o sentido do símbolo, devemos ser capazes de interpretá-lo na sua função significante e não somente de percebê-lo como impressão sensorial, pois o símbolo não tem relação natural com o que simboliza. O homem inventa e compreende símbolos, o animal não. É freqüente dizermos que o animal “ensinado” compreende a palavra humana. Na realidade o animal obedece à palavra humana porque nós o ensinamos a reconhecê-la como sinal, porém jamais saberá interpretá-la como símbolo. Pela mesma razão, o animal expressa as suas emoções, não pode nomeá-las. Não se pode considerar que os meios de expressão empregados pelos animais são o começo ou uma aproximação à linguagem simbólica.

Isto porque entre a função sensório-motora e a função representativa existe uma fronteira que só a humanidade franqueou. A emergência de Homo na série animal pode ter sido favorecida pela sua estrutura corporal ou a sua organização nervosa, mas deve-se, antes de mais nada, à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. Assim, podemos concluir que o pensamento não é outra coisa que este poder de construir representações das coisas e de operar sobre as ditas coisas. É por essência simbólico.

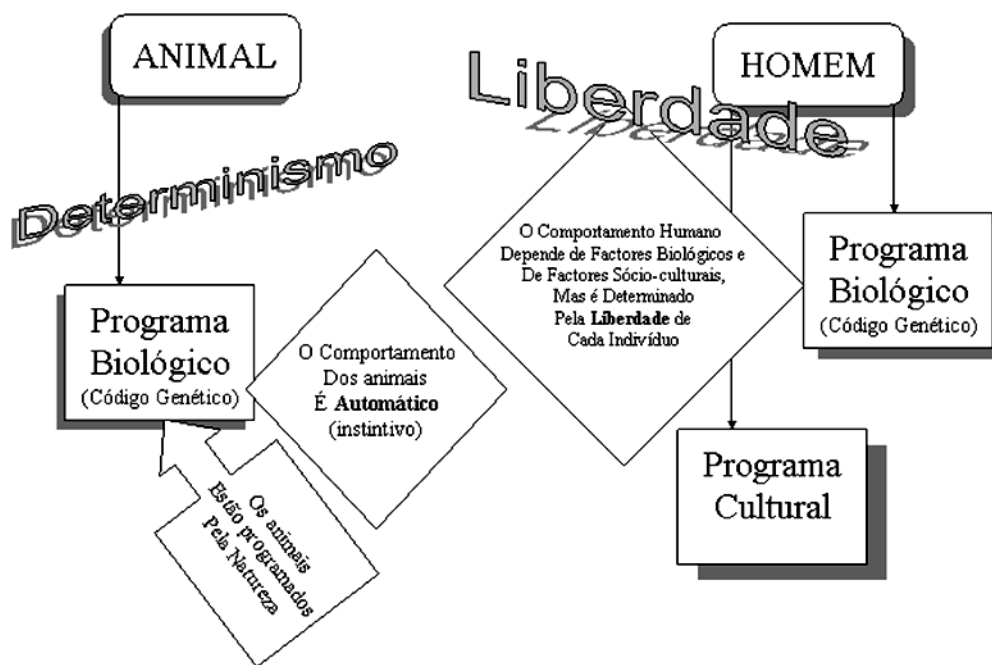
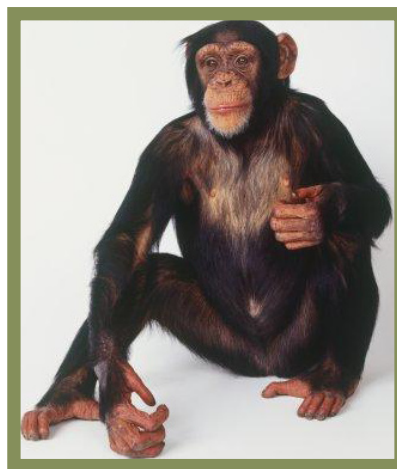


Figura 3 – Linguagem humana e linguagem animal

A linguagem realmente cria um abismo entre o Homo sapiens e o resto do mundo natural. Não há dúvida de que a evolução da linguagem falada como a conhecemos foi um ponto de definição na pré-história humana. Foi talvez o momento de definição. Equipados com uma linguagem simbólica, os humanos foram capazes de criar novos tipos de mundo na natureza: o mundo da consciência introspectiva e o mundo que construímos e dividimos com os outros, o qual chamamos de “cultura”. A linguagem tornou-se o nosso meio e a cultura o nosso novo ambiente.

A habilidade humana de gerar sons articulados, ou fonemas, é apenas modestamente realçada quando a comparamos com a mesma habilidade dos macacos: nós temos cinquenta fonemas e os macacos cerca de 12. Não obstante, a nossa utilização desses sons é virtualmente ilimitada. Eles podem ser arranjados e re-arranjados para dotar o ser humano médio de um vocabulário de uma centena de milhar de palavras, e estas palavras podem ser combinadas numa infinidade de frases. Como consequência, a capacidade de comunicação rápida, detalhada, e a riqueza de pensamento do Homo sapiens não têm rival no mundo da natureza.



A propósito do texto

A comunicação animal

Como hoje freqüentemente se afirma que a linguagem é exclusiva do homem, é atividade puramente humana e o elemento que o distingue dos seres inferiores, pois o homem pode ser definido como um **animal que fala**, não seria demais fazermos algumas rápidas considerações sobre a comunicação animal por meio de gritos, justamente para contrapor-la à linguagem humana.

Em primeiro lugar não será necessário levar em conta que certos animais (alguns tipos de macacos e aves) são capazes de entender certas ordens.

Convenhamos que nesta “aprendizagem” não há nenhuma operação mental que permita que aos “aprendizes” reter o conceito dos conjuntos sonoros emitidos. Não nos consta que dois papagaios conversem entre si em linguagem humana aprendida. (...)

Embora certos gritos, pios e cantos correspondam a estados gerais de alegria, espanto, dor ou apetite e possam ser quase traduzidos em linguagem humana (como no português, por exemplo, onde há verbos especiais para traduzir os diversos gritos de um cão - ladrar, uivar, ganir), os animais não emitem frases nem fazem variar seus gritos como nós o fazemos com nossas palavras, que podem ser substituídas no enunciado comunicativo. (...)

Por isso, o grito animal é instintivo e não aprendido, não está sujeito a transformações como a linguagem humana. Que é instintivo, facilmente se observa. Isolando-se um gatinho do convívio, facilmente ele acabaria miando. E o homem não nasce falando. Que não se transforma também é fácil verificar. O ladrar do cão teria sido, em eras remotas, diferente do que é hoje?

BORBA, 1975

Da leitura do texto discuta com o colega:

1. A linguagem não é exclusivamente humana.
2. É possível que dois animais conversem, reproduzindo sons aprendidos.
3. Dependendo do ambiente em que se criou, um gato pode miar de diferentes maneiras.
4. Apenas a linguagem humana está sujeita a transformações.

A natureza do símbolo

O símbolo é o elemento fundamental da comunicação entre seres humanos. Isto se deve a sua dupla natureza, uma vez que o símbolo tem uma dimensão material (estrutura física) e uma dimensão espiritual (ou mental).

A dimensão material do símbolo tem o nome de **significante** e a dimensão espiritual o nome de **significado**. Assim, os símbolos permitem-nos expressar materialmente os nossos conteúdos mentais (as nossas idéias, as nossas crenças, os nossos sentimentos, a nossa vontade, o nosso estado de espírito etc.).

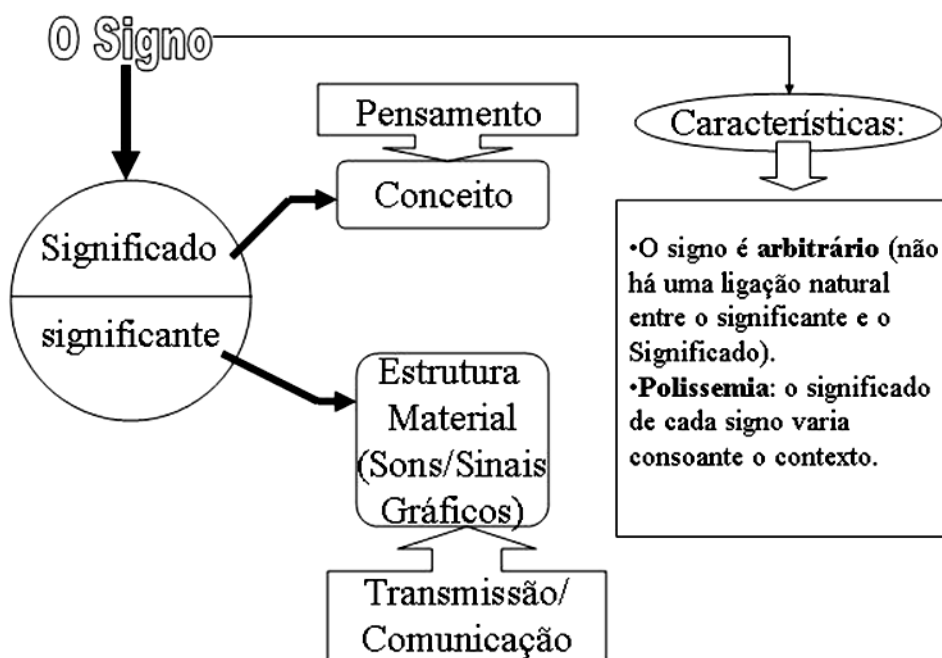


Figura 4 – A natureza do signo

A linguagem humana é um sistema simbólico que se destaca dos outros (de fato, existem muitos outros sistemas simbólicos) porque utiliza símbolos específicos e completamente convencionais, uma vez que não têm, pelo menos no caso das línguas alfabéticas, qualquer relação com os objetos que representam, e porque esses símbolos estão interligados num sistema coerente, cujas regras permitem construir um número praticamente infinito de mensagens.

É por isso que através da linguagem, podemos explicar todos os outros símbolos ou sistemas simbólicos, como por exemplo, como poderíamos aprender os sinais de trânsito (que são símbolos) sem que eles nos sejam explicados por palavras?

Como observamos até agora, a linguagem, por ser uma atividade intelectual, é exclusiva do homem. Ao pronunciar uma palavra, o homem está expressando um determinado estado mental. Entretanto, para que a linguagem cumpra sua função social no processo de comunicação, é necessário que as palavras tenham um **significado**, ou seja, que cada palavra represente um conceito.

A Linguística chama **signo** a essa combinação de conceito e palavra (escrita ou falada), ou seja, o signo lingüístico une um elemento concreto, material, perceptível – um som ou letras impressas – chamado **significante**, a um elemento inteligível (o conceito), ou imagem mental, chamado **significado**.

Por significado, entende-se o conceito, a idéia, a imagem psíquica da coisa. Por significante, a realização material desse conceito, sua concretização por meio de fonemas ou de algo que os represente. Assim, quando penso em “boneca” o que vem à mente é o significado de “boneca” e o som de quando digo **b - o - n - e - c - a** é o que chamamos de **significante**. A chamada “arbitrariedade do signo” é a responsável por chamarmos boneca (significado) de boneca (significante) ou, como se justifica chamarmos aquele *animalzinho melhor amigo do homem* (significado) de cachorro (significante) em português; de dog, em inglês e de perro, em espanhol?

Pense, agora, no significado da palavra “vaca” e também no que significa “faca”. O que é uma “vaca”? Para grande parte do Brasil, “vaca” significa um animal que vive no pasto. E um dos significados de “faca” é um instrumento cortante. Mas o que diferencia as palavras “vaca” e “faca”? Não é simplesmente os elementos /v/ e /f/, presentes no início de cada uma delas? Isso significa dizer que a linguagem humana é articulada, isto é, é possível decompô-la em elementos menores, portadores de significado. E a linguagem animal não. Nesta, para Lopes (1998) ocorre uma mera comunicação de comportamento, enquanto que, na linguagem humana, além da comunicação comportamental, existe também a intelectual, da qual a lingüística se ocupa.

Linguagem, língua e fala

Como observamos, diversos são os códigos utilizados na comunicação, mas o mais importante é a língua.

Existiria alguma diferença entre linguagem e língua?

Devemos admitir que sim. Do ponto de vista lingüístico, para Terra (1997) damos o nome de **linguagem** a todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. Assim sendo, os surdos mudos possuem uma linguagem; as bandeiras em corridas de automóveis são uma linguagem; os sinais de trânsito são uma linguagem e a língua que você e eu falamos é uma linguagem. Por esses simples exemplos, podemos perceber que, de acordo com o **sistema de sinais** que a linguagem utiliza, é possível dividi-la em **linguagem verbal** e **linguagem não-verbal**. A linguagem verbal é aquela cujos sinais utilizados para atos de comunicação são as palavras. Assim, a **língua** que eu e você falamos é uma linguagem verbal. Já a **linguagem não-verbal** é aquela que utiliza para atos de comunicação outros sinais que não as palavras.

Na linguagem distingue-se dois fatores: a **língua** e a **fala**.

Foi Saussure (1994) o primeiro a separar e conceituar estes dois aspectos. Compara ele a língua a um dicionário cujos exemplares idênticos são distribuídos entre os indivíduos.

Você percebeu que empregamos a expressão **língua** para nos referir àquilo que eu e você utilizamos para nos comunicar e interagir?

Se você consegue entender o que estou escrevendo neste texto, significa que eu e você conhecemos o mesmo **código lingüístico**, conhecemos a mesma **língua**. Fazemos parte da mesma comunidade lingüística e, por isso, conhecemos e utilizamos a mesma língua.

Para Terra (1997) **língua** é um sistema, de natureza gramatical, pertencente a um grupo de indivíduos formado por um conjunto de sinais (que são as palavras) e por um conjunto de regras para combinação dos sinais. Ela é social (por pertencer a toda uma sociedade que conhece e se utiliza dela) e também é abstrata. Ter caráter abstrato significa que a língua não existe se não houver também alguém que a utilize.

Pense em uma história escrita num livro guardado numa estante. A história só vai existir se alguém abrir o livro e a ler. Com a língua ocorre o mesmo. Ela só se torna concreta por meio do que chamamos **fala**.

Cada falante escolhe na língua os meios de expressão de que necessita para comunicar-se, confere-lhe natureza material, produzindo-se assim a **fala**.

A **fala**, de aplicação momentânea, é fruto da necessidade psicológica de comunicação e expressão. Ao contrário da língua, a fala é concreta. É a concretização da língua. Ela não é social, como a língua, mas individual, privada. Cada um de nós tem a sua própria fala. Ela é a utilização que fazemos da língua. É o aspecto particular da linguagem.

Como disse, eu e você utilizamos o mesmo código lingüístico, a mesma língua, chamada **língua portuguesa**. A língua portuguesa é utilizada em vários cantos do mundo: África (Angola, Moçambique e Guiné-Bissau) ilhas próximas da costa africana (Açores e Madeira), Ásia (Macau e Goa) e América (Brasil, onde o português é língua oficial, oficial porque, além do português, falam-se, no Brasil, várias línguas indígenas).

Sobre os gêneros do discurso

De todos os componentes de uma cultura, é a língua que primeiro identifica um grupo social humano.

Sem dúvida, o uso da língua constitui num elemento cultural integrador. Portanto, o ensino da língua materna no nosso caso, a língua portuguesa deve ter uma atenção especial no currículo escolar, especialmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, quando a criança está em pleno processo de aquisição e ampliação do uso da língua. É exatamente nesse processo, como falantes de uma língua, que o conhecimento sobre textos é adquiridos, por meio das atividades diárias de comunicação, realizadas nas interações sociais. Em contatos com textos falados e escritos, os aprendizes vão identificando formulações básicas (denominados como “traços estilísticos” dos textos) que caracterizam os textos como pertencentes a determinados gêneros.

A utilização da língua se concretiza em forma de enunciados (orais e escritos). Os enunciados estão intrinsecamente relacionados às especificidades de comunicação de cada esfera humana. E cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. Os gêneros do discurso caracterizam-se pelos conteúdos e pelos recursos lingüísticos (como recursos textuais e gramaticais) utilizados.

Considerações sobre variantes lingüísticas

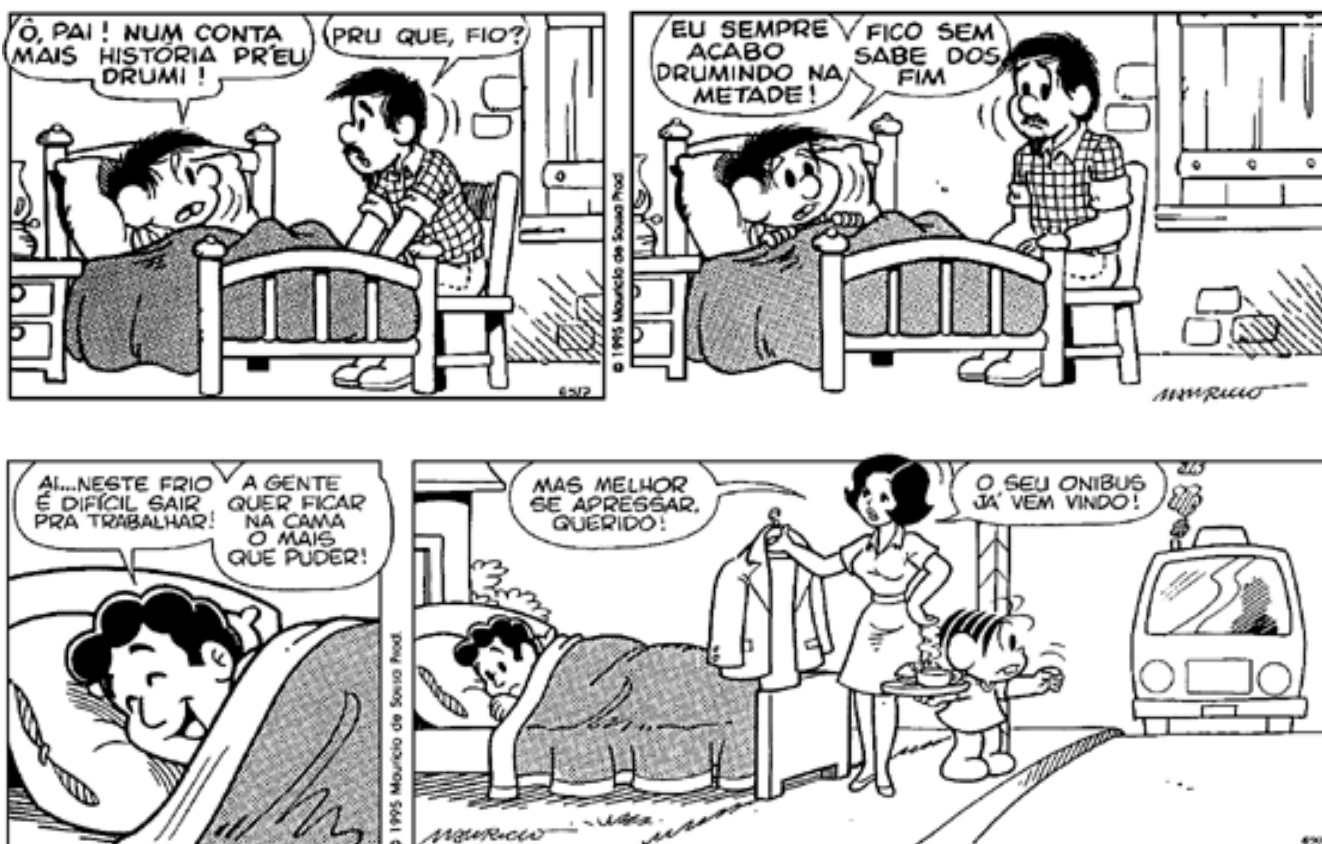
Como afirmam diversos estudiosos, existem vários padrões na nossa língua: o padrão culto, característico das pessoas que freqüentaram os bancos escolares e dominam um conjunto de regras descritas nas gramáticas tradicionais; os padrões característicos das variantes regionais, menos prestigiados socialmente, e outros.

Os estudos da sociolinguística trouxeram enormes contribuições que permitiram repensar o lugar das variantes linguísticas no ensino da língua e, assim, combater os preconceitos contra as diversas modalidades de expressão oral dos alunos. Portanto, abriu-se um espaço para a valorização das diferenças; reformulou-se a noção de erro, o que é muito importante. O errado não é falar “nós vai”, mas usar esse tipo de concordância em uma situação de formalidade, quando se exige o uso da variante padrão.

Evitar, em sala de aula, manifestações que menosprezem os padrões regionais da língua é um primeiro passo para elevar a auto-estima do aluno, motivando-o a aprender outras modalidades da língua. Mas o **nosso papel como educadores** é ir muito além disso. **É dar condições ao aluno de dominar efetivamente a língua padrão em suas modalidades oral e escrita, a fim de que possa adequar suas formas de expressão ao contexto, as condições de enunciação**, como dizem os linguistas.

A propósito do texto

Leia as tirinhas:



Discuta com seu colega a linguagem utilizada nas tirinhas. Pensem em como podemos utilizar isso em sala de aula. Desenvolvam uma atividade que pode ser realizada e depois comente com o grupo.

Através de atividades como essa, nossos alunos perceberão que existem vários padrões na nossa língua: o padrão culto e os padrões característicos das variantes regionais.

A aquisição da Linguagem Oral

Como a criança aprende a falar?

Se a deixássemos com aproximadamente um ano de vida, em uma floresta, ela iria aprender a fala? Como?

Em casa, na rua, na comunidade, enfim as situações vivenciadas pela criança, em seu processo de aquisição da linguagem oral, a qual toda criança que chega à escola, por volta dos seus seis anos, já vivenciou, com sucesso, a não ser aquelas portadoras de deficiência auditiva e que não receberam instruções especiais.

A criança aprende a falar se tiver vivido, até a idade escolar, em uma comunidade falante. Em tal contexto, por volta dos três anos de idade, a criança já é capaz de interagir verbalmente, com o registro da língua de seu círculo social, tanto com adultos quanto com outras crianças, assim como entende os outros, desde que em sua língua materna.

Aprende a falar, tanto na recepção (executa e estendido) quanto na produção (uso da fala), sem ter passado por treinamentos específicos ou atividades de prontidão. Seus pais e/ou responsáveis não precisam fazer exercícios de discriminação auditiva, tampouco ordenar a linguagem em dificuldades crescentes. Ela, a criança, simplesmente foi espectadora e ou parceira de atos comunicativos.

Nessas trocas, a criança foi traçando sua própria evolução lingüística, condizente com seu modo de ser. Até mesmo se considerarmos a repetição de algumas palavras, como mamãe, papai, má, pá, lá etc., tais repetições aconteciam num contexto significativo, tanto do ponto de vista situacional quanto sócio-afetivo.

Aos três anos de idade já podemos considerar a criança um falante nativo da língua, pois ela já dispõe de um vocabulário (embora pequeno) e, evidentemente, de uma gramática intuitiva, uma vez que não forma frases ou textos sem a presença da sintaxe textual, pois todo falante usa sua competência lingüística conforme a gramática do seu dialeto, que é a variante lingüística. A variante lingüística utilizada por essa criança não é melhor ou pior, nem certa ou errada em relação à outra variante. Estamos falando da linguagem coloquial, mais ou menos tensa em relação à norma culta, ou língua padrão, por exemplo. No máximo, podem ser consideradas diferentes uma da outra. Pensando assim, a norma culta será imprópria ao ser usada num meio sócio-cultural que usa um dialeto distante da variante culta, quanto usar uma linguagem excessivamente coloquial para um debate com usuários de registro mais formal. Assim, a criança vai aprender a dizer “nóis vai ver”, ao invés de “nós vamos ver”, não porque é menos capaz, mas simplesmente porque se estiver exposta a uma variante menos formal, utilizará de seu vocabulário e suas regras sintáticas.

Ao chegar à escola como falante nativa de sua língua, a criança demonstra toda a sua capacidade intelectual, uma vez que esse processo é tremendamente complexo e ela o internalizou sem necessidade de métodos específicos, como os utilizados ao aprender sua língua materna, bastou participar de atos comunicativos em uma comunidade falante.

Nas interações verbais, os interlocutores da criança, durante sua construção da linguagem oral, valorizaram e incentivaram suas manifestações verbais, permitindo que ela aprendesse a falar e a entender o outro para auto-corriger suas tentativas distanciadas dos modelos próximos. Há no grupo dos falantes, não apenas tolerância quanto aos desvios observados, mas quase um acordo no tipo de reforço para acentuar a margem de sucesso, e assim assegurar o interesse por novas tentativas. Esse tipo de conduta cria espaço para que a criança brinque com as palavras apreendidas, experimente novas combinações produzindo frases nunca ouvidas antes, sem medo de aprender palavras e estruturas novas, desaprender as que não usa, definir e redefinir continuamente.

A criança, aos 7 anos de idade, já é um falante de sua língua. Portanto, possui uma série de conhecimentos lingüísticos que se baseiam, principalmente, em experiências de linguagem oral adquiridas no grupo social a que pertence. Ao ingressar na escola, a criança traz consigo a variação lingüística usada nos processos interlocutivos dos quais participou até o momento.

Com o advento da democratização do ensino, a escola passou a receber educandos egressos das camadas populares. Ao chegarem a essa instituição, esses alunos se deparavam com uma variedade a norma culta ou padrão que não era a sua. Então, durante muito tempo, a escola tentou “corrigir” a fala desses alunos, na crença que, desse modo, escreveriam certo.

Ao desvalorizar a fala do aluno, a escola desvalorizava também o grupo social do qual o aluno era oriundo e os aspectos culturais inerentes a esse grupo. Assim, o preconceito lingüístico tornou-se uma prática bastante perniciosa ao aprendizado de Língua Portuguesa.

Atualmente, muitos educadores têm-se preocupado em divulgar idéias acerca da necessidade de combater o preconceito lingüístico e, junto dele, o social e o cultural. Da mesma maneira, o conceito de “certo” e “errado” em relação às variações lingüísticas é um mito que precisa ser derrubado. Não se pode negar a existência de diferentes variedades lingüísticas no Brasil.

Contudo, valorizar uma variedade em detrimento de outra revela uma atitude anti-democrática.

É importante, porém, ter ciência de que o respeito ao dialeto do aluno não basta. A escola tem a obrigação de ensinar e não impor ao aluno o dialeto padrão, pois trata-se de uma variação que implica prestígio social, própria das classes dominantes.

A posse da variedade padrão, conforme os estudos de Soares (1983) em um instrumento fundamental e imprescindível para a superação de desigualdades sociais.

De acordo com Geraldi (1997, p. 44)

cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social etc. Isso porque é preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos, se ela serve para bloquear e disso ninguém duvida, também serve para romper o bloqueio.

Cabe, pois ao ensino de língua materna garantir ao indivíduo os saberes lingüísticos necessários à sua participação social afetiva.

Para realizar um bom trabalho com a língua oral em sala de aula, é necessário promover atividades que contemplem os vários níveis de formalidades/informalidade, a fim de que o aluno tenha condições de adequar sua linguagem em diferentes situações comunicativas, adaptando-se a elas.

Para produzir textos orais com a linguagem adequada a uma determinada situação comunicativa, devemos considerar os seguintes fatores: o assunto sobre o qual se falará, o interlocutor ao qual a mensagem será dirigida e a intenção comunicativa do locutor. Considerando tais fatores, é possível fazer uso da língua oral de uma forma mais eficaz e competente.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Língua Portuguesa, 1997), para eleger a língua oral como conteúdo escolar, é necessário um planejamento da ação pedagógica que garanta atividades sistemáticas de fala, execução e reflexão sobre a língua. Alguns exemplos de produções orais que podem ser solicitadas são:

- Exposição oral sobre um determinado tema;
- Descrição do funcionamento de aparelhos ou equipamentos;
- Narração de fatos conhecidos somente por quem narra;
- Planejamento, elaboração e análise de qualidade de um texto;
- Resolução de problemas que exijam verbalização, comparação e confronto dos procedimentos que foram utilizados;
- Trabalho em grupo que envolva planejamento, pesquisas, divisão de tarefas, tomada de decisões, apresentação de resultados etc.
- Outras atividades que também podem auxiliar o professor no encaminhamento do trabalho com o texto oral, pelo fato de mobilizarem os alunos a falar e recriar suas experiências por meio da fala são: manifestações de opinião, dramatização, debates, conversas breves, narrações de textos lidos etc.
- Criando em sala de aula situações que ampliem e diversifiquem a experiência lingüística dos alunos, a escola estará favorecendo a integração de todas as variedades dialetais, levando-os a adquirir novas formas de expressão e interação com seus possíveis interlocutores.

Trabalhando com a linguagem

O homem se comunica pela linguagem. Tem acesso à informação, expressa e defende as suas opiniões, partilha ou constrói visões de mundo, enfim, produz conhecimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN/LP/1997) destacam que a linguagem é uma forma de ação interdirecional orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história (p.22, 23).

O domínio da linguagem enquanto atividade discursivo e cognitivo e o domínio de língua, enquanto um sistema simbólico utilizado por uma determinada comunidade lingüística, são condições de possibilidade para a plena participação social do cidadão.

Para Geraldi (1984) mais que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a **linguagem** é vista como um lugar de **interação humana**; por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, construindo compromisso ou vínculos, que preexistiam à fala. Nessa concepção, **ensinar a língua é tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar da forma que fala em determinada situação concreta de interação.**

Na verdade, precisamos definir o que entendemos por língua. Aprender a língua não significa apenas aprender as palavras e suas combinações, mas apreender seus significados, que são construídos no processo de interação verbal, determinados pelo contexto. Como afirma Bakhtin (1988), a língua é um fato social, cuja existência provém da necessidade de comunicação. Portanto, a língua é mais do que um código e está em contínua mudança. É a prática da linguagem, como discurso, como produção social, dá vida à língua, é posta a serviço da intenção comunicativa. Prática, portanto, não neutra, visto que os processos que a constituem são histórico-sociais e trazem consigo a visão de mundo de seus produtores.

Para Bakhtin (1988) a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua.

Não faz sentido, portanto, estudar a língua desligada da vida, do contexto real de sua enunciação. O sentido da palavra é determinado pelo contexto, havendo tantas significações possíveis quantas forem os contextos possíveis.

O sujeito que utiliza a língua não é um sujeito passivo, mas alguém que interfere na constituição do significado do ato comunicativo. Portanto, há uma relação intrínseca entre o lingüístico e o social que precisa ser considerada no estudo da língua. Por isso, o lugar privilegiado para análise desse fenômeno é o discurso que se materializa na forma de um texto.

A propósito do texto

Com um livro didático de Língua Portuguesa ou uma cartilha em mãos discuta com seu colega sobre como é trabalhado a linguagem, a língua, a fala e a escrita.

Agora leia o texto e discuta com seu colega:

O indivíduo humano [...] interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Fonte: OLIVEIRA, 1995.



REFERÊNCIAS

- BAKTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BUARQUE; VELOSO.
- CHALHUB, Samira Y. **Funções de linguagem**. São Paulo: Ática, 1987.
- CAMPEDELLI, Samira Y; SOUZA, Jésus B. **Literaturas: Brasileira e Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2000.
- GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- GERALDI, João W.. **Prático de leitura de textos na escola**. Leitura, Teoria e Prática, ano 3, n.3. p 25-33, 1984.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1968.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.
- PIZA, Daniel. **Tam desembarca na cidade Luz**. São Paulo, Revista Classe.
- QINTANA, Mario. **Peminha do contra**. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/pcontra.htm>. Acesso em: 12 maio 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABAURRE, M Bernadete et al. Leitura e escrita na vida e na escola. In: _____. **Leitura teoria e prática**. Campinas: Mercado Aberto, 1985.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultura, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüístico**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CAMPEDELLI, Samira Y. **Literatura: história & texto**. São Paulo: 1999.
- FERREIRO & PALÁCIO, Margarida G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FRANCHI, Egê P. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GOODMAN, Jetta M. (Org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médias 1995.
- GERALDI, João W. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v.1.

GERALDI, João W. **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v.2.

LEMLE, Mirian. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994.

SOARES, Magda B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.